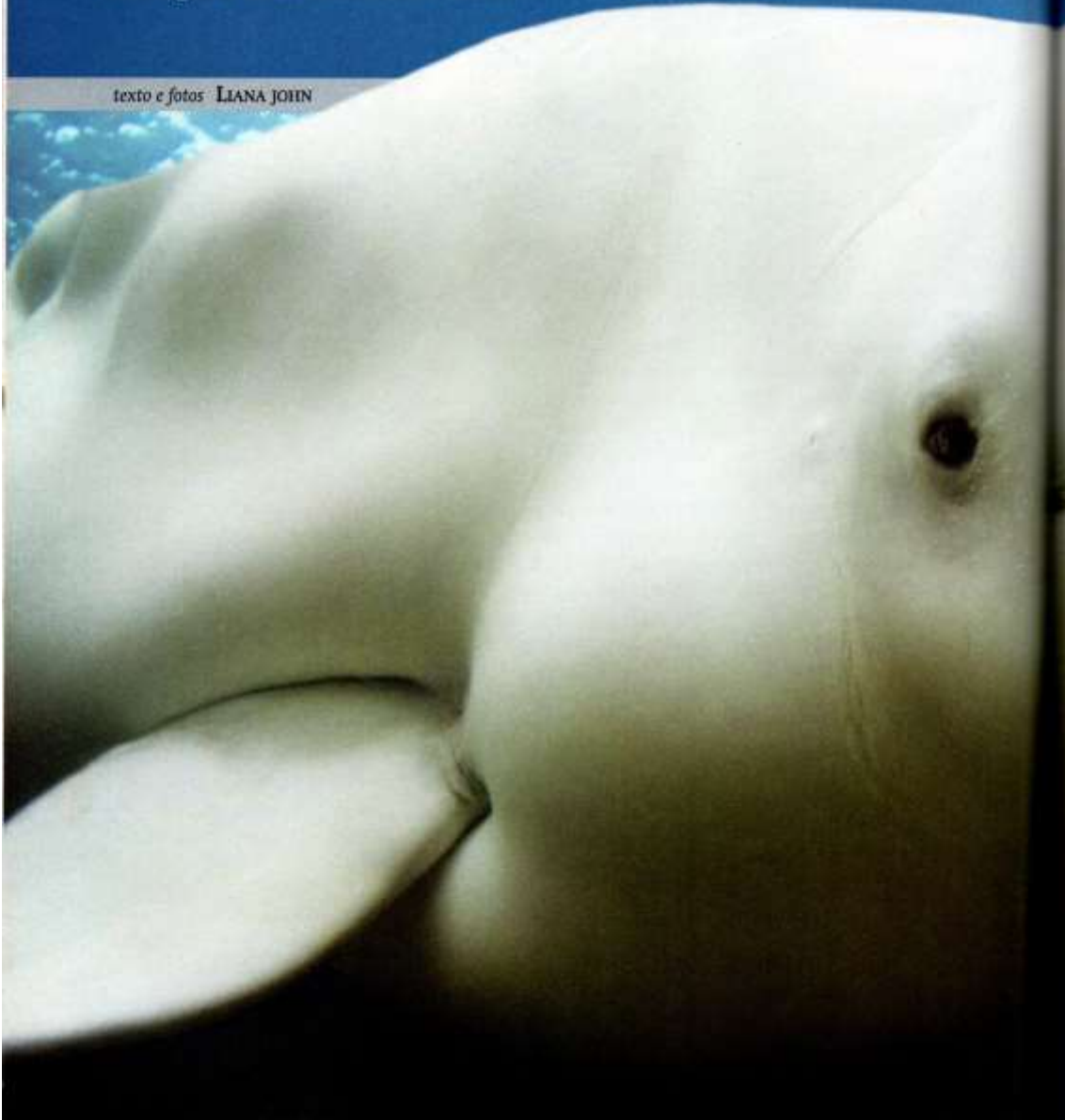


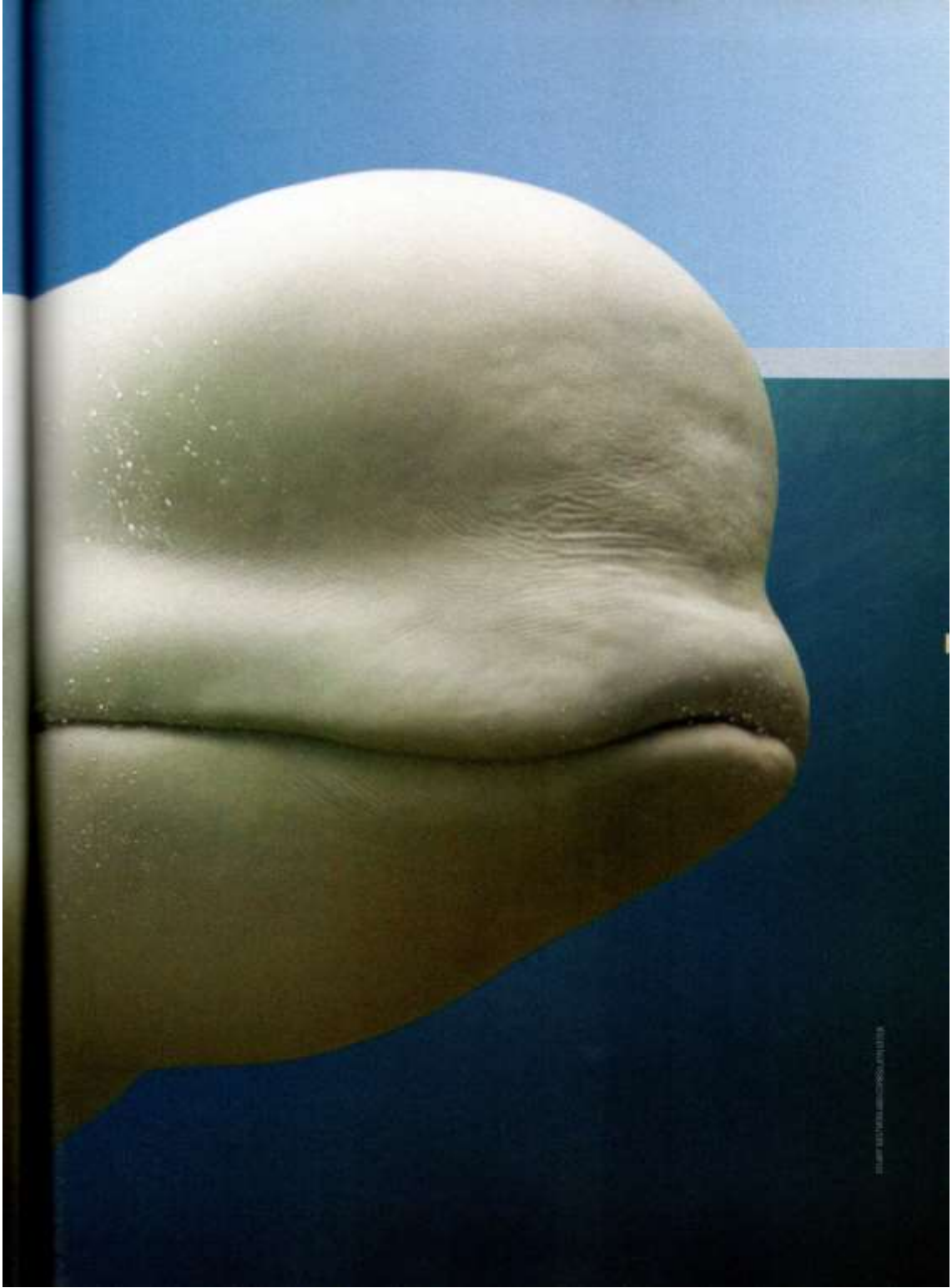
— CANADÁ —

Belugas em festa

*A cativante coreografia de verão das baleias brancas
nas águas rasas do Círculo Ártico*

texto e fotos LIANA JOHN







Nadar por 10 meses em águas geladas faz qualquer mamífero ansiar por um pouco de calor. Mesmo quando se trata de espécies que jamais deixam o Oceano Ártico em busca de zonas mais quentes, como a beluga (*Diplodus leucis*), a menor, mais branca, mais simpática e mais 'falante' de todas as espécies de cetáceos. Em grupos grandes, de cem a mil indivíduos, as belugas permanecem em alto-mar de setembro a junho, quando o frio toma conta das altas latitudes, transformando a superfície do oceano em uma perigosa combinação de imensas plataformas de gelo marinho cortadas por labirintos de fendas e buracos

para respirar. Mal o gelo derrete, as baleias brancas se dirigem aos seus endereços de veraneio, em fiordes, baías, canais e estuários rasos das costas do Canadá, Alasca, Groenlândia, Noruega e Rússia, atrás de temperaturas mais agradáveis.

Um desses endereços é a foz do rio Cunningham, na ilha Somerset, no extremo Norte do Canadá, distante apenas 800 km do Polo Norte. É onde desembarco, numa pista de pouso quase caseira, depois de 4 horas de voo sobre mar congelado e ilhas nuas, cor de pedra. Do avião, confiro as rachaduras no gelo marinho, ainda insuficientes para dar passagem às baleias.

Chegamos a tempo para o jantar, na estranha noite que nunca escurece. Como os demais turistas e observadores

de fauna – somos 16, ao todo – quero saber nossas chances de ver as belugas nos próximos dias. Uma pergunta difícil de responder, mesmo para a experiente família Weber, que em 2009 completa 10 anos de operação no local. Paciência, o jeito é programar um passeio pelo litoral para o dia seguinte, na expectativa de observar focas ou ursos. Talvez.

Formamos uma fila de 8 quadriciclos com um guia à frente e outro atrás. Acompanhamos a margem esquerda da baía Cunningham, cheia de subidas e descidas, lombadas e valetas, manchas de gelo e pedras soltas como brita, porém pulverizadas pelo frio e não por máquinas. De repente, o guia Sven Niederhauser acelera e ultrapassa a todos



VERANEIO
Centenas de belugas se aglomeram na foz do rio Cunningham para aproveitar o verão

nós, chamando a atenção de Richard Weber, lá na frente: "As baleias vêm vindo!"

Era tudo o que queríamos ouvir. Largamos os veículos 4 x 4 de qualquer jeito e nos aglomeramos na praia, apontando binóculos, câmeras e luneta na direção indicada por Sven. As belugas estão mesmo entrando na baía. Podemos ver os dorsos brancos e os borrifos de respiração se alternando por entre os blocos de gelo, dezenas delas!

Fazemos meia volta e seguimos para o ponto onde o rio desemboca no mar, o encontro da água doce, rasa e 'morna' com a gelida água salgada. Então assistimos a um espetáculo nem de longe representado pelas fotos que qualquer um de nós consegue tirar. As baleias emer-



FÉRIAS
Adultos nadam de frente e de costas, comentando as águas mornas (abaixo). Alguns exibem cicatrizes de atropelamento por barcos



A simpatia das belugas colocou a espécie entre as preferidas para exibição pública

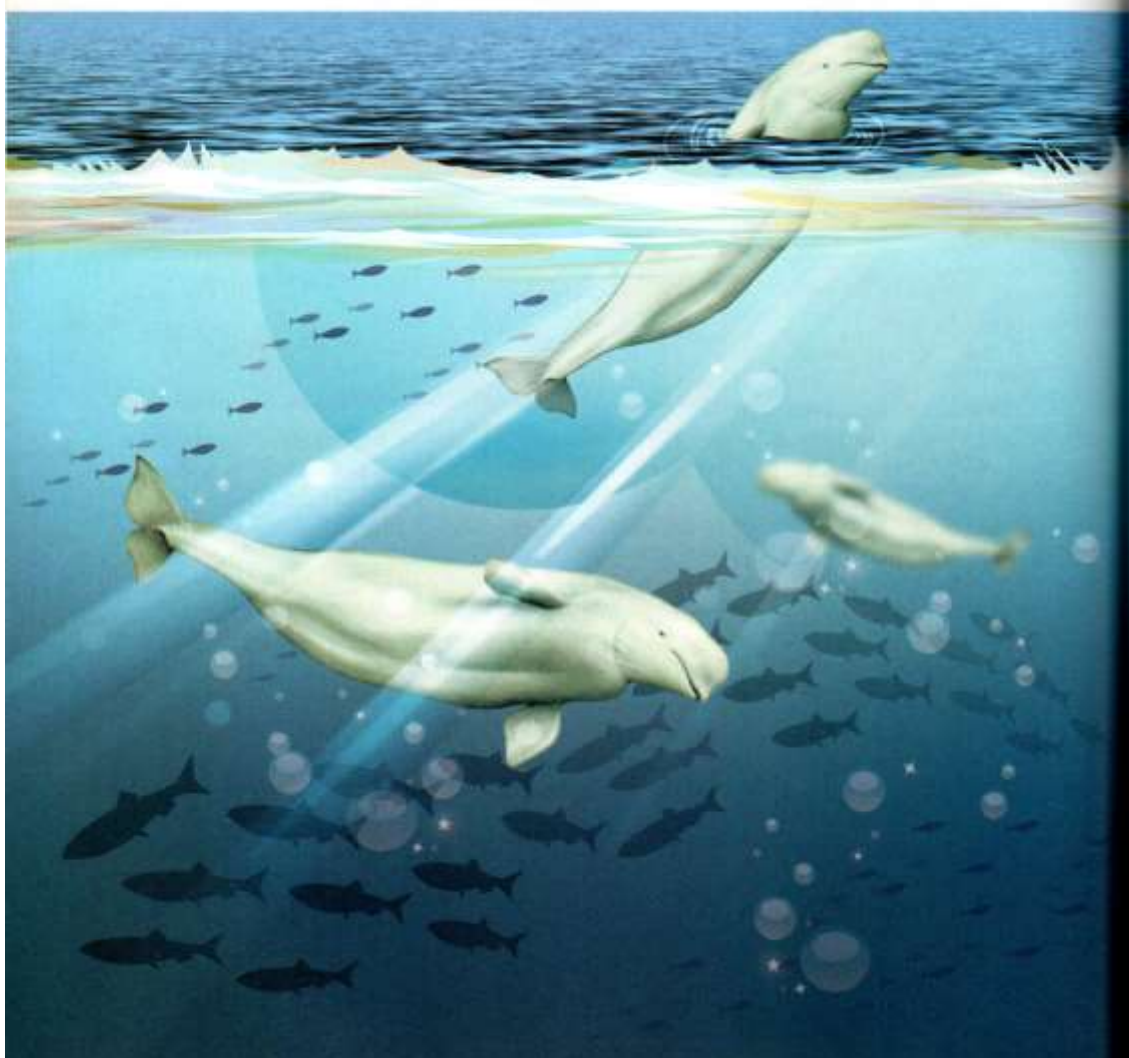
gem, mergulham, viram e reviram, dão cambalhotas, mostram as nadadeiras, levantam a cauda, balançam a cabeça... São adultos branquíssimos, jovens amarelados e filhotes cinza-escuros, todos igualmente exultantes em chegar ali.

As belugas têm de 3 a 5 metros, o corpo alongado e a cabeça redonda como os golfinhos, porém sem 'bico'. Não têm nadadeira dorsal, mas uma 'corcunda' comprida e resistente, com a qual eventualmente conseguem abrir caminho em meio ao gelo fino. Flexionam o pescoço como nenhum outro cetáceo e são cheias de expressões. A mais famosa é a linha da boca, suave, desenhada num sorriso permanente. Ninguém escapa de se encantar à primeira vista.

Tanta simpatia colocou a espécie entre as preferidas para exibição pública em aquários. Mas a principal ameaça à espécie é mesmo a caça para consumo da carne, do óleo e da pele. Muito antes de atrair turistas para observação, o veraneio das belugas em águas rasas, sempre nos mesmos locais, chamou a atenção de caçadores. Vestígios arqueológicos indicam o consumo desses cetáceos pelos primitivos thule, que habitaram o Ártico cerca de 800 anos antes do que os inuit, habitantes nativos do Alasca e Norte do Canadá. No final do Século 19, em todas as terras do Círculo Ártico, as belugas eram mortas aos milhares. Apenas em Somerset, entre 1874 e 1898, pelo menos 10 mil belugas foram mortas por

MENOR E MAIS BRANCA

A beluga é o único cetáceo inteiramente branco. Também é a única espécie conhecida do gênero *Delphinapterus*. Pertence à família *Monodontidae*, da qual só faz parte mais uma espécie, de gênero diferente - o narval (*Monodon monocerus*). Sua ocorrência se restringe ao Círculo Polar Ártico e aos mares subárticos, sem registros abaixo da latitude 45° Norte. A população de belugas que vive mais ao Sul é a da baía Saint Lawrence, em Ontário, Canadá, com cerca de 500 indivíduos. Outras 19 populações circulam no Oceano Ártico, ao Norte da Rússia, Noruega, Groenlândia, Canadá e Alasca (EUA). Durante os meses de inverno, grandes grupos de belugas permanecem em mar aberto. Quando o gelo marinho se rompe e derrete, no auge do verão, as baleias brancas se aproximam da costa e 'veraneiam' em águas rasas e mais quentes. Procuram, sobretudo, o abrigo de fiordes, baías, canais e a foz dos rios com leito de pedras, nas quais rolam e se esfregam para facilitar a troca de pele.





BALEIA-FRANCA (*Falanga australis*)

É a maior espécie de baleia que frequenta o oceano Atlântico. Alcança 30 metros de comprimento e 100 toneladas.



ORCA (*Orcinus orca*)

É a mais conhecida das baleias com dentes. Chega a 9 m de comprimento e 7,5 toneladas.



BELUCA (*Delphinapterus leucas*)

É a menor espécie de cetáceo chamada de baleia. Tem, em média, 4 m de comprimento e pesa 1,5 ton. Metade de seu peso é gordura, um percentual bem maior do que da maioria das baleias (20%). A grossa camada de gordura garante o isolamento térmico no gelo do oceano ártico.



DISTRIBUIÇÃO DAS BELUGAS



O MERSA HADIR ADJI USADO COMO ESCALA TERIA 170 M E 70 KG

L. BASSANI/ISTOCKPHOTO.COM

O gelo e a vida

No auge do inverno, nas altas latitudes do Hemisfério Norte, o gelo marinho hoje cobre cerca de 14,5 milhões de quilômetros quadrados. Isso é de 1,5 a 2 milhões de km² a menos do que os 16 milhões de km² de 1950, uma extensão que se manteve estável desde as primeiras estimativas, realizadas em 1900. No verão, a diferença é maior: o gelo cobre aproximadamente 8 milhões de km² do Oceano Ártico nos dias atuais, contra algo em torno de 12 milhões de km² em 1950.

A espessura média do gelo marinho também mudou. Dos 3,1 metros medidos por submarinos entre 1958 e 1976, passou a 1,8 metro nos anos 1990.

Com base em tais dados, a previsão

de pesquisadores norte-americanos da Agência Nacional para a Atmosfera e os Oceanos (NOAA, na sigla em inglês) é de que o gelo ártico encolherá progressivamente durante o verão até passar a derreter completamente daqui a 70 anos, por volta dos anos 2080.

Não é só. O congelamento do Ártico no outono também se tornará mais e mais tardio, apresentando uma estrutura diferente. O gelo marinho não tem o mesmo padrão de congelamento do gelo dos lagos de água doce: precisa de temperaturas mais baixas para se formar (-1,8° C contra 0° C do gelo comum); depende do resfriamento de toda a coluna d'água até uma profundidade de 100 a 150 metros; e se estrutura de modo distinto se o mar é calmo ou agitado.

A redução do gelo no Ártico já deflagrou uma corrida para exploração de minérios e petróleo e disputas entre os países do Norte – sobretudo Rússia e Canadá – pelo direito de controlar o tráfego crescente de navios cargueiros pela passagem Norte. A probabilidade de acidentes ambientais, claro, aumenta. As baleias e demais espécies árticas enfrentarão mais vazamentos de químicos e atropelamentos. Mas a pior notícia é o desequilíbrio na cadeia alimentar. As mudanças no gelo alteraram radicalmente a produtividade de algas, invertebrados e crustáceos adaptados ao gelo marinho e devem levar ao rápido declínio de peixes e moluscos dos quais aves, baleias, focas e ursos se alimentam.

baleiros escoceses, e suas peles usadas para fazer cordões para botas e capotas de carruagens. No Alasca, o empresário Joseph McGill caçou belugas de 1915 a 1921 com uma estratégia infalível: ele esperava os grandes grupos entrarem pela foz do rio Cook na maré cheia e então fechava a passagem com uma rede e matava todos os animais a tiro, na maré baixa. Ele usava a pele das baleias para fabricar luvas. Na Noruega, a caça às belugas se prolongou até 1955 e na Rússia ainda é permitida.

No Canadá, atualmente, apenas os inuit são autorizados a caçar, mas não há restrição quanto ao número de indivíduos. E em todo Ártico persiste a competição de pescadores profissionais e baleias pelo pescado, pois belugas consomem vários peixes de interesse comercial em grandes quantidades, incluindo os valorizados salmão e bacalhau.

A caça para consumo de óleo e carne ainda é a maior ameaça

Mesmo assim a espécie passou de 'vulnerável' para 'próximo de ameaçada' na última revisão da União Mundial para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês). De acordo com Randall Reeves, coordenador do Grupo de Especialistas em Cetáceos da IUCN, entrevistado via e-mail, "as

contagens recentes, feitas sobretudo por avião, mostraram que algumas populações são mais numerosas do que antes foi estimado, assim, globalmente, a espécie não se qualifica como 'vulnerável', embora algumas populações estejam sob pressão regional por superexploração, apresentando declínio". A revisão elevou o total de belugas de cerca de 50 mil para 200 mil indivíduos.

"A caça é, de longe, o maior problema hoje, pois o homem pode matar milhares de belugas em curtos períodos de tempo, quando elas procuram águas rasas para se proteger dos predadores naturais, para conseguir alimento e aproveitar as águas mais quentes dos rios", afirma o especialista britânico Tony Martin, do Instituto Durrell, Universidade de Kent. Os predadores naturais dessas baleias são ursos polares – que as

Em geral, durante o inverno, a temperatura da água no Oceano Ártico fica em torno de 2° C negativos, embora na superfície os ventos possam derrubar os termômetros até -35° C.

No auge do verão, em julho e agosto, o mar aberto chega a 2° C positivos, mas as áreas costeiras protegidas do vento e os rios rasos aquecidos por 24 horas contínuas de sol podem atingir 12° C.



matam quando sobem para respirar em buracos no gelo – e orcas, que as caçam em alto-mar.

Durante 4 verões, Martin esteve em Somerset para observar o comportamento das belugas e também monitorou alguns indivíduos por meio de telemetria. Descobriu a profundidade do mergulho das belugas – até mil metros – muito maior do que inicialmente se imaginava.

“Elas mergulham assim fundo porque conseguem. E assim pegam presas fora do alcance de outros predadores que não vão tão fundo, como ursos e aves”, explica, em entrevista via e-mail à Terra da Gente. Segundo ele, pesquisas realizadas em cativeiro revelaram uma grande variedade de sons emitidos pelas belugas, justificando o apelido de “canários do mar”. “Não temos uma decodificação desses sons, mas certamente há gritos de alerta e chamados para acasalamento entre eles”, continua. E também foram

identificadas ‘frases’ e gestos específicos de mãe para filhote.

Ninguém sabe bem por onde as belugas andam no outono, inverno e primavera, ou se migram para uma determinada região para acasalamento, pois nestas estações é muito frio e escuro e as pesquisas são prejudicadas. Aparentemente o acasalamento ocorre entre fevereiro e abril e o período de gestação é de 14 meses. Os filhotes, isso é mais conhecido, nascem praticamente ao mesmo tempo, durante o mês de junho, podendo variar um pouco mais, do final de maio ao início de julho, no caso das populações subárticas.

O recém-nascido é muito esperto e acompanha a mãe por toda parte, dependendo do leite por pelo menos um ano, embora as fêmeas amamentem até por 2 anos. A mãe também o protege do frio, às vezes colocando o filhote entre ela e outra fêmea ao atravessar uma corrente

gelada, por exemplo. A mesma fêmea tem apenas uma cria a cada 3 anos.

Durante nossa semana em Somerset, paramos diversas vezes para observar e fotografar as evoluções das belugas na boca do rio Cunnigham, em cujas águas transparentes também descemos em botes de borracha por entre paredões de pedras geometricamente cortadas, fazendo um belo rafting de quase 3 horas. Mas em nenhum dos outros dias assistimos à explosão de alegria daquela chegada. Por melhores que sejam as evoluções inventadas por treinadores para as belugas de aquários, nada se compara à coreografia espontânea que tivemos o privilégio de ver em ambiente natural. ●

PARA SABER MAIS:

Sobre belugas, leia os livros *Beluga whales* de Tony Martin, publicado pela Edições Culin Books e *Beluga Days* de Nancy Lord, editado pela The Mountaineers Books, ambos disponíveis apenas em inglês.

Sobre o acampamento de turismo de observação no Ártico: www.arcticwatch.ca